

# DEUS ABSCONDITO: UMA VISÃO DO FILHO CODEPENDENTE<sup>1</sup>

*Abscondito God: a son's vision codependent*

Rolf Roberto Krüger<sup>2</sup>

Sabrina Alves de Jesus da Silva Krüger<sup>3</sup>

## RESUMO

Esta pesquisa mostra a imagem que as crianças têm sobre Deus. Desde muito cedo, uma criança de pais dependentes e codependentes, cresce com uma insegurança sobre si, sobre os outros e sobre Deus. Busca-se saber mais sobre a revelação e abscondicidade de Deus. Analisar e conceituar dependência química e codependência. A partir disso, serão relacionadas a abscondicidade de Deus e a codependência infantil. Nessa situação, percebe-se que a obra de Jesus Cristo ajuda e dá conforto a criança que sofre pela disfunção familiar.

**Palavras-chave:** Dependência; codependência; Jesus Cristo; abscondicidade; sofrimento.

## ABSTRACT

This research shows the image that children have about God. From early on, a child of

---

<sup>1</sup> O artigo foi recebido em 07 de julho de 2016 e aprovado em 27 de julho de 2016 com base na avaliação dos pareceristas *ad hoc*.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia – Faculdades EST, São Leopoldo/RS e professor de Teologia na Faculdade Luterana de Teologia – FLT, São Bento do Sul/SC.

<sup>3</sup> Bacharela em Teologia pela Faculdade Luterana de Teologia – FLT, São Bento do Sul/SC.

dependent and codependent parents grows with insecurity about herself, about others and about God. The aim is to learn more about the revelation and hiddenness of God. Analyze and conceptualize chemical dependency and codependency. Hiddenness of God and child codependency will be related. In this situation, it is visible that the work of Jesus Christ helps and gives comfort the child suffering by family dysfunction.

**Key-words:** Dependency; codependency; Jesus Christ; hiddenness; suffering.

## INTRODUÇÃO

O Deus abscondito e revelado é um dos temas da dogmática mais instigantes e, ao mesmo tempo, obscuro. Levando em consideração que é o próprio Deus que se revela e isso não depende do ser humano, automaticamente, este se encontra impotente diante deste Deus que não pode ser compreendido pela razão humana. Entretanto, o que este tema da dogmática tem a ver com a dependência e codependência dos filhos? Este é o desafio, que buscará ser respondido.

A revelação de Deus é um dos pontos cruciais para a fé cristã, pois somente por causa dela pode haver relacionamento entre Deus e o ser humano, levando em consideração que ele mesmo se revela às suas criaturas, as quais são incapazes de tomar uma decisão ativa em prol deste relacionamento. Também será abordado em meio a revelação de Deus o seu adjetivo, que é sua abscondicidade. O objetivo será responder se “abscondito” é sinônimo de “ausente”, ou Deus na sua abscondicidade apenas não pode ser visto. Essa é a questão diante de um filho que é codependente e vive em constante tensão, diante de pais que não se importam e de um Deus que parece não estar presente.

Em meio a este emaranhado de pensamentos que passam pela mente de uma criança, pode ainda haver uma saída? Será que Deus realmente se importa com o que está acontecendo, ou seria ele um Deus distante? Estas perguntas não calam na mente de um filho que vê seu pai

em um estado miserável e sua mãe se importando somente com o marido. É possível existir um Deus que desce do céu e olha para seus filhos, se na realidade do dia-a-dia parece haver somente a solidão de lidar com os problemas, e as tantas responsabilidades que são impostas para as crianças desde cedo. Portanto, estas questões serão discutidas sob o ponto de vista pastoral, levando em consideração a conclusão da pesquisa sobre abscondicidade.

## 1 DEUS REVELADO E ABCÔNDRITO

Para falar sobre a abscondicidade de Deus, é preciso, primeiramente, pensar sobre sua autorrevelação. A reivindicação de conhecer Deus, depende totalmente daquele que é conhecido, isto é, o conhecimento de Deus reside na revelação do próprio. Referente a isso, Braaten expõe três reinvidicações: 1) A realidade de Deus: mesmo que para os crentes, Deus e fé estejam juntos, é preciso discernir, pois a fé não escolhe e nem cria Deus; 2) A supremacia categórica de Deus: “Deus” é um termo que designa o ser como bom de forma singular, grande, admirável e faz surgir adoração.<sup>4</sup> Entretanto, a excelência da divindade de Deus não pode ser medida por “bom”, “grande” ou até mesmo “admirável”. A diferença entre Deus e qualquer outro ser é mais profunda, há uma diferença de espécie e natureza, da forma que Deus é perfeito e qualquer outro seria imperfeito diante dele. Essa é a diferença entre o criador e a criatura; 3) Iniciativa de Deus: Ele não está meramente presente sem se importar, nem mesmo de forma eminente ou como um objeto a ser conhecido, pelo contrário, o ser humano conhece Deus pelo agir do próprio Deus.

---

<sup>4</sup> Cf. SPONHEIM, Paul. O conhecimento de Deus. In: Braaten, Carl. *Dogmática cristã*. v. 1. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 209.

O agir de Deus é marcado por: sua autorrevelação geral e específica. A revelação geral é dada por Deus por meio de sua criação “No princípio criou Deus os céus e a terra”.<sup>5</sup> O que criou os céus e a terra, no princípio, que se revela como Deus e está junto com o ser humano, face a face. Já a revelação específica, ou especial, é doação de Deus por meio de Cristo. Deus se entrega na cruz em Cristo, e a partir disso o relacionamento com Deus é reestabelecido, o que é possível apenas pela fé em Cristo Jesus.<sup>6</sup> Visto que Deus é o que se autorrevela ao ser humano – e isso é graça –, é perceptível também que mesmo se revelando ele é um Deus abscondito, sendo esse o seu adjetivo. Ao falar da abscondicidade, é necessário ter em mente que não se trata da ausência<sup>7</sup> de Deus, pois ele é um Deus presente.<sup>8</sup>

Lutero faz uma distinção entre o Deus pregado/revelado e o Deus abscondito, mas não ausente.<sup>9</sup> Esta distinção e afirmação da abscondicidade de Deus é feita por Lutero no seu texto “De servo arbítrio”<sup>10</sup>, o qual é escrito em contraponto a Erasmo. Lutero afirma que tudo, inclusive a salvação, dependem da vontade de Deus e nada adianta o ser humano fazer obras para humilhar-se. Pois, não se deve contestar a razão da vontade de Deus, mas apenas adorá-lo. Lutero se apoia no Deus abscondito, falando que a fé tem a ver com as coisas que não se veem,

---

<sup>5</sup> Gênesis 1.1.

<sup>6</sup> Para mais informações: BRAATEN, 1990, p. 209-212; HAARBECK, Theodor. *Está escrito: dogmática bíblica*. Schweizerische: União Cristã, 1987. p. 25-27.

<sup>7</sup> O termo vem do latim *absentia* “afastamento, inexistência e falta”. CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982. p. 84.

<sup>8</sup> O termo vem do latim *praesens* “que assiste pessoalmente”. CUNHA, 1984, p. 633.

<sup>9</sup> LUTERO, Martinho. Da Vontade Cativa. In: *Obras Selecionadas: Debates e Controvérsias*, II. v. 4. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1933. p. 30.

<sup>10</sup> Não cabe aqui abordar profundamente este escrito de Lutero. Será exposto apenas o que é relevante para o tema abscondicidade. Para mais informações sobre o escrito: LUTERO, Martinho. Da vontade cativa. In: \_\_\_\_\_. *Obras selecionadas: debates e controvérsias*, II. v. 4. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1933. p. 11-216.

consequentemente para que haja lugar para a fé, é necessário que todas as coisas que se creem sejam absconditas.<sup>11</sup> Ele distingue entre o Deus abscondito e o Deus revelado, dando liberdade para que Deus se revele, como, quando e onde quiser. Deste modo, “Lutero correu o risco de criar um dualismo, mas antes, compreendeu o paradoxo de Deus, cujo Erasmo não compreende”.<sup>12</sup> Por último, como resposta à abscondicidade de Deus, Lutero aponta para Jesus Cristo, pois é o único que compreendeu essa abscondicidade na cruz.<sup>13</sup>

Através do paradoxo colocado por Lutero, é possível entender que Deus sempre está presente, mas nem sempre ele se revela ao ser humano. Este Deus possui muitos atributos, e um deles é o de se ocultar. Entretanto, a pergunta crucial é: Seria este Deus um deus dualista? Ele pratica o mal e o bem? É justamente esta pergunta que Erasmo não cala diante de Lutero. O paradoxo de que Deus é misericordioso e também cruel, exposto por Lutero, não cabe a Erasmo, pois para ele se tratariam de dois deuses completamente diferentes.<sup>14</sup> Porém, Lutero não cai no gnosticismo, ou

---

<sup>11</sup> LUTERO, 1933, p. 47.

<sup>12</sup> RENGEL, Débora Giese. *A relação entre abscondicidade de Deus e sofrimento humano: impulsos a partir do De Servo Arbitrio*. 2013. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, 2013. p. 22.

<sup>13</sup> LUTERO, 1933, p. 24-25.

<sup>14</sup> “O problema da distinção entre um deus que faz o bem e um deus que faz o mal já existiu antes na história. O gnosticismo foi uma das maiores ameaças filosóficas nos primeiros séculos da Igreja. O dualismo era uma de suas principais doutrinas, em que se defendiam uma separação entre os mundos material (mal) e o espiritual (bem). Deus não poderia ter criado o mundo material, pois Deus não criaria algo mal. O deus que criou o mundo material era um demiurgo, que os gnósticos associavam com Javé no Antigo Testamento. O gnosticismo propunha dois deuses, o deus mal do Antigo Testamento que criava, e o deus bom do Novo Testamento que redimia. O grande problema do gnosticismo era a não aceitação de um Deus cruel, mas apenas um Deus de graça e misericórdia”. Cf. RENGEL. 2013, p. 14. Ou ainda: CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos séculos: uma história da igreja cristã*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008. p. 83-85.

até mesmo no pensamento de Erasmo. Ele não afirma que há dois deuses, mas há apenas um Deus e este possui atributos. Através da palavra, Jesus Cristo, é que Deus se revela e o ser humano é justificado por meio da graça. Deus vem até o ser humano e se faz conhecido. Já a abscondicidade de Deus, a ele pertencem às coisas encobertas, misteriosas e obscuras. O Deus abscondito não pode ser compreendido pelo ser humano de forma integral, pois não há razão humana que possa entender e compreender a vontade de Deus.<sup>15</sup> Interessante é que, segundo Lutero, Deus se revela por meio das Escrituras e de forma extraordinária no próprio Jesus Cristo, o *logos* encarnado. Enquanto que, o Deus abscondito é o próprio Deus, ou seja, sua vontade. Deste modo, nenhum ser humano pode conhecer totalmente a Deus e nem a sua vontade última, pois isso, pertence somente a ele. O ser humano só pode conhecer aquilo que lhe é revelado por vontade do próprio Deus. Não pertence ao ser humano ter conhecimento dos desígnios de Deus, pois somente “a vontade de Deus é eficaz, e não há como impedi-la [...] ela é sabia, de sorte que não se pode enganá-la”.<sup>16</sup> Lutero diz que a vontade de Deus não deve ser interrogada, antes disso deve-se respeitá-la.

A abscondicidade está diretamente relacionada as questões de salvação e criação, isso a partir da percepção da importância do Deus abscondito, criador e redentor no Antigo Testamento. Portanto, Deus está acima de tudo e de todos, e assim ele também é o criador de tudo e de todos, tanto do bem quanto do mal. Caso contrário, haveria um dualismo, onde há o deus das trevas e o deus dos céus. Já no Novo Testamento, podem ser encontrados textos que falam também sobre a soberania de Deus, como no caso de Romanos 9-11. Neste texto, Paulo aborda a soberania e justiça de Deus, assim como a falta de capacidade dos judeus

---

<sup>15</sup> RENGEL, 2013, p. 24-25.

<sup>16</sup> RENGEL, 2013, p. 24; LUTERO, 1993, p. 111.

de conseguir compreendê-lo e descobrir seus mistérios. Diante dos mistérios de Deus, expostos nas Escrituras, Lutero fala que há necessidade de distinguir entre as Escrituras reveladas por Deus e o próprio Deus. Nas Escrituras há sim passagens obscuras, porém não por não terem sido reveladas por Deus, mas por ausência de vocabulário e gramática correta, ou seja, as pessoas ainda não conhecem as palavras, pois Deus já as revelou, diz Lutero.<sup>17</sup> Deus age como, quando e com quem quiser. É algo incabível à razão humana, mas mesmo assim Deus interfere e está presente na vida das suas criaturas.<sup>18</sup>

Não há uma forma de interferir na vontade suprema de Deus, pois caso um pedido do ser humano for concedido, provavelmente este já estava nos planos de Deus. Embora por um lado, em Mateus 21.22 esteja escrito que tudo o que é pedido em oração, crendo, será atendido, por outro lado Jesus também ensina a orar. A oração não deve vir do próprio ser humano, mas sim do próprio Cristo, conforme ele ensinou a orar e que, em última análise, seja feita a vontade de Deus somente.<sup>19</sup>

O Novo Testamento não faz uma grande abordagem sobre a abscondicidade de Deus, porém muito mais sobre sua presença.<sup>20</sup> Deste modo, do Antigo Testamento para o Novo Testamento há uma mudança relevante em relação a Deus na sua abscondicidade. Isso ocorre justamente por causa de Cristo Jesus, pois “o Verbo se fez carne e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade, e vimos a sua glória, glória como do unigênito do Pai”.<sup>21</sup> A partir do Novo Testamento, Deus está presente no mundo, ele vem, se esvazia e se faz humano, porém não perdendo sua identidade. Embora o Filho revele o Pai, e assim sua presença seja visível, ainda a identidade do Pai permanece oculta, pois ainda assim o Filho não é o Pai

---

<sup>17</sup> LUTERO, 1993, p. 28-29.

<sup>18</sup> LUTERO, 1993, p. 44-45.

<sup>19</sup> RENGEL, 2013, p. 30; LUTERO, 1993, p. 136.

<sup>20</sup> RENGEL, 2013, p. 30.

<sup>21</sup> João 1.14.

e nem o Pai é o Filho. Entretanto, paradoxalmente, o Pai se revela no Filho e quem conhece o Filho, conhece ao Pai, mas não de forma completa.

## 2 **DEPENDÊNCIA QUÍMICA E CODEPENDÊNCIA**

A dependência química é uma realidade em muitas famílias atualmente, sendo que a dependência de Substâncias Psicoativas (SPAs)<sup>22</sup> é uma das maiores causas de óbito no Brasil. O uso de drogas, de forma geral, matou cerca de 40.692 pessoas no país entre 2006 e 2010, tendo uma média de 8 mil óbitos por ano.<sup>23</sup> O levantamento na base de dados do Datasus, informa que a bebida tirou a vida de 34.573 pessoas, resultando em 84,9% dos casos confirmados por médicos em formulários que avisam o governo federal sobre a origem da morte nesse grupo da população.<sup>24</sup>

Mesmo havendo grande porcentagem de mortes causadas pela dependência química, um estudo publicado no mês de abril de 2013 em São Paulo, mostra que o consumo frequente de álcool<sup>25</sup> tem sido cada vez

---

<sup>22</sup> Sendo consideradas, “Substâncias ou drogas psicoativas (SPAs), as substâncias que alteram sensações, humor, consciência, funções psicológicas e comportamentais.” SPA. 2014. Disponível em: <[http://www.soperj.org.br/novo/publicacao\\_detalhes.asp?s=Publica%E7%F5es%20dos%20Comit%EAs&id=165](http://www.soperj.org.br/novo/publicacao_detalhes.asp?s=Publica%E7%F5es%20dos%20Comit%EAs&id=165)>. Acesso em: 27 mai. 2014.

<sup>23</sup> Deste modo, “Estudo sobre mortes por drogas legais ou ilegais, registradas no Sistema de Informação sobre Mortalidade (SIM), do Ministério da Saúde, mostra que o álcool é o campeão na mortandade.” PEREIRA, Pablo. *Consumo de drogas legais e ilegais mata 8 mil pessoas por ano no País*. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,consumo-de-drogas-legais-e-ilegais-mata-8-mil-pessoas-por-ano-no-pais,831451,0.htm>>. Acesso em: 27 mai. 2014.

<sup>24</sup> PEREIRA, Pablo. *Consumo de drogas legais e ilegais mata 8 mil pessoas por ano no País*. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,consumo-de-drogas-legais-e-ilegais-mata-8-mil-pessoas-por-ano-no-pais,831451,0.htm>>. Acesso em: 27 mai. 2014.

<sup>25</sup> “O álcool é uma substância lícita, obtido a partir da fermentação ou destilação da glicose presente em cereais, raízes e frutas.” MARQUES, Ana Cecília Petta Roselli; RIBEIRO, Marcelo (Orgs.). *Guia prático sobre uso, abuso e dependência de Substâncias Psicotrópicas para educadores e profissionais da saúde*. Prefeitura da cidade de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Participação e Parceria, 2006. p. 48.

mais comum entre os brasileiros. Segundo esta pesquisa, as pessoas que bebem pelo menos uma vez por semana – os denominados “bebedores frequentes” – aumentou cerca de 20% nos últimos seis anos.<sup>26</sup> “Houve um aumento do consumo entre os que bebem. Você tem mais de um milhão de pontos de venda (de bebida alcoólica), as pessoas são estimuladas a consumir”, afirma Laranjeira.<sup>27</sup>

De forma específica, “o álcool se enquadra na categoria de substâncias psicotrópicas depressoras, juntamente com inalantes, o clorofórmio, o éter e os calmantes”. Levantamento feito em 2005 pelo Cebrid<sup>28</sup>, da Unifesp e pela Senad<sup>29</sup>, expõe que o uso de álcool prevalece entre os homens em todas as faixas etárias, sendo que mais de 80% alegaram fazer uso de álcool. E entre as mulheres, o percentual é cerca de 68,3%. No que diz respeito a dependência, eles também estão na frente. O índice de dependentes do sexo masculino é de 19,5%, sendo quase três vezes maior que o do sexo feminino, obtendo cerca de 6,9%. Os maiores índices do vício estão na faixa etária de 18 a 24 anos, com cerca de 27,4% de dependentes entre os homens e 12,1% entre as mulheres.<sup>30</sup>

---

<sup>26</sup> SAMPAIO, Rafael. *Consumo de álcool entre os brasileiros se torna mais frequente diz estudo*. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2013/04/consumo-de-alcool-entre-brasileiros-se-torna-mais-frequente-diz-estudo.html>>. Acesso em: 27 mai. 2014.

<sup>27</sup> Ronaldo Laranjeira é professor de psiquiatria da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e um dos autores da pesquisa. SAMPAIO, Rafael. *Consumo de álcool entre os brasileiros se torna mais frequente diz estudo*. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2013/04/consumo-de-alcool-entre-brasileiros-se-torna-mais-frequente-diz-estudo.html>>. Acesso em: 27 mai. 2014.

<sup>28</sup> Centro Brasileiro de Informações sobre Drogas Psicotrópicas – Cebrid.

<sup>29</sup> Secretaria Nacional Antidrogas – Senad.

<sup>30</sup> MACIEL, Camila. *Alcoolismo atinge cerca de 5,8 milhões de pessoas no país*. 2013. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-03-18/alcoolismo-atinge-cerca-de-58-milhoes-de-pessoas-no-pais>>. Acesso em: 27 mai. 2014.

## 2.1 Dependência

Antes de falar sobre dependência química, faz-se necessário uma distinção entre *uso*, *abuso* e a própria *dependência*. O *uso* se caracteriza pelo uso moderado, esporádico, recreativo ou experimental, ou seja, não resulta em complicações sociais, físicos ou psicológicos. Já o *abuso* ou *uso nocivo* se dá pelo consumo eventual de doses maiores, que na maioria das vezes trará problemas como no caso de perdas de compromissos, brigas e até mesmo acidentes. Por fim, quando o consumo é simultaneamente compulsivo e constante, obtendo sintomas de abstinência e problemas psicológicos, físicos e sociais, denomina-se *dependência*.<sup>31</sup>

A partir disso, é possível determinar claramente a diferença entre abuso ou uso nocivo e dependência. A OMS<sup>32</sup> conceitua o uso nocivo como “um padrão de uso de substâncias de abuso que causam danos à saúde”<sup>33</sup>, mentais ou físicos resultantes do uso. O consumo abusivo leva consequências sociais ao usuário, porém não é crônico e não há síndrome de abstinência. Já a dependência é identificada pelo consumo descontrolado, constante e excessivo, ou seja, “uma relação disfuncional entre um indivíduo e seu modo de consumir uma determinada substância psicotrópica”.<sup>34</sup> Tudo em prol do alívio de sintomas, como desconforto físico e mental – a chamada síndrome de abstinência. Para alcançar o abuso ou a dependência, é necessário passar pelo uso primeiro, ou seja, qualquer contato com SPA poderá levar o indivíduo ao abuso ou dependência.

---

<sup>31</sup> MARQUES; RIBEIRO, 2006, p. 17-20.

<sup>32</sup> Organização Mundial da Saúde.

<sup>33</sup> MARQUES; RIBEIRO, 2006, p. 20-21.

<sup>34</sup> MARQUES; RIBEIRO, 2006, p. 21.

A dependência química é causada pelo consumo constante de SPAs, sendo também considerada uma doença. A DSPA<sup>35</sup> se dá pelo consumo onde é ativado o sistema de recompensa do cérebro, dando uma reação química no metabolismo do corpo, ou seja, aciona-se a área responsável de receber estímulos de prazer e transmitir essa sensação para todo o corpo e esse efeito induz a pessoa a repetir seu uso compulsivamente. A partir do consumo repetido da SPA, perde-se a sensibilidade de prazeres naturais, tendo a droga como única e imediata fonte de prazer. Deste modo, quando o indivíduo deixa de consumir a SPA o corpo carece e sente falta dela, passando a ter sintomas de fissura e desconforto.

O álcool, especificamente, é uma droga tão ou mais influente em ocasionar dependência em pessoas predispostas, quanto qualquer outra droga. A doença é crônica e incurável, pois “uma vez dependente químico, sempre dependente”.<sup>36</sup> O fato de estar em tratamento, ou há vários anos sem o contato com a droga, é indiferente. Não há cura total para a dependência química, mas sim tratamento. Assim como não há apenas o consumo contínuo da droga, mas também abusivo e compulsivo, levando a uma tolerância cada vez maior do usuário para a bebida.<sup>37</sup> “O corpo acostuma-se com o álcool. Ele resiste mais e, para obter efeito que tinha no começo com uma lata de cerveja, precisará tomar cinco”.<sup>38</sup> A falta da SPA faz com que o alcoolista tenha vários sintomas graves,

---

<sup>35</sup> Dependência da Substância Psicoativa ou Dependente de Substância Psicoativa.

<sup>36</sup> DEPENDÊNCIA QUÍMICA. Disponível em: <<http://www.clinicamaia.com.br/o-que-e-dependencia-quimica.php>>. Acesso em: 28 mai. 2014.

<sup>37</sup> ZANELATTO, Neide; LARANJEIRA, Ronaldo. *O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais: um guia para terapeutas*. Porto Alegre: Artmed, 2013. p. 36. Uma tabela explicativa sobre a tolerância de consumo alcoólico se encontra no anexo 01.

<sup>38</sup> MACIEL, Camila. *Alcoolismo atinge cerca de 5,8 milhões de pessoas no país*. 2013. Disponível em: <<http://memoria.etc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-03-18/alcoolismo-atinge-cerca-de-58-milhoes-de-pessoas-no-pais>>. Acesso em: 27 mai. 2014.

como tremores, aumento da pressão arterial, enjoo, vomito e em alguns casos chega a convulsão. Estes seriam os sintomas em meio a uma síndrome de abstinência. Além dos problemas de saúde, há também de relacionamento, tanto no trabalho, como familiares, afetivos, econômicos, entre outros.

## **2.2 Codependência**

O conceito codependência se aplica em duas situações: um de forma geral e o outro de forma específica.

A codependência afetiva, de forma geral,

[...] é uma patologia que atinge a saúde das pessoas na área das relações interpessoais. Esse fenômeno, que afeta o psicológico, comportamental e até existencial, pode produzir pessoas emocionalmente doentes. A codependência afetiva é a dependência da dependência do outro.<sup>39</sup>

O codependente necessita estar no controle do relacionamento, mesmo que seja só aparência. Tudo o que é feito, passa a ser em prol do outro e somente pelo outro, agindo em controle sobre o outro. Estas atitudes causam problemas de saúde, pois leva o indivíduo a buscar o motivo de viver no outro apenas.

Os codependentes não parecem compreender o que é moderação. Ou passam pelo completo envolvimento, ou se encontram inteiramente desligados. Suas necessidades se satisfazem nos excessos. As causas da codependência afetiva pode ser gerada logo após as complexas experiências do apego e desapego na infância, além de violências físicas e emocionais como: maus tratos, abusos, traumas, abandonos, humilhações e até mesmo extremismos na criação da parte dos pais, tanto

---

<sup>39</sup> PAULA, Blanches de. *Escuta Libertadora: temas emergentes para o Aconselhamento Pastoral*. Belo Horizonte: Filhos da Graça/Siano, 2013. p. 98.

para mimar quanto para maltratar. De modo que as consequências resultam em perda de identidade, falta de amor próprio, baixa autoestima, pânico ao lidar com a solidão, ansiedades frequentes, atitudes exaustivas, opressoras e frustrantes com relacionamentos afetivos.<sup>40</sup>

A família, especificamente, é a mais atingida pela dependência do indivíduo. A convivência com o dependente faz com que os familiares adoeçam emocionalmente com ele. Codependência, na sua forma básica, é um transtorno emocional conceituado nas décadas de 70 e 80, sendo relacionado a própria família ou pessoas próximas do dependente químico.

Normalmente o codependente olha para o dependente e o elege como paciente identificado, ou seja, do ponto de vista do grupo familiar toda a culpa do seu sofrimento é causada pelo dependente. Entretanto, a família passa a absorver todos os tipos de consequências trazidas pelo DSPA, como também depender do relacionamento disfuncional. A partir disso, segundo as palavras do Sanda, pai de um dependente, codependência é:

[...] um quadro caracterizado por um distúrbio mental acompanhado de ansiedade, angústia e uma compulsividade obsessiva em relação a tudo o que envolve a vida do dependente. O codependente deixa de viver sua própria vida e passa a viver na dependência dos acontecimentos que ocorrem na vida do dependente químico [...]. Nos enganamos com manobras de “facilitação”, minimizando, controlando, protegendo, assumindo responsabilidades e compactuando com nosso filho [...]. É muito difícil, saber quando ajudar e quando deixar de ajudar [...]. Nos tornamos escravos do dependente, tudo o que ele faz de errado nos afeta e seus efeitos são potencializados em nós. Somos aqueles que sofrem

---

<sup>40</sup> FORWARD, Susan; BUCK, Graig. *Pais Tóxicos*: como superar a interferência sufocante e recuperar a liberdade de viver. Rio de Janeiro: Racco, 1990. p. 46.

juntamente com o dependente, mas não temos o prazer efêmero da droga. Enquanto o dependente é viciado na “droga”, o codependente é viciado nos problemas do codependente.<sup>41</sup>

O codependente sempre passará a imagem de salvador, o que se doa pelo outro ao extremo, e normalmente ele não sabe perceber momentos bons, pois leva a vida excessivamente a sério, podendo parecer orgulhoso em carregar um fardo tão pesado, em suportar humilhações, frustrações e ofensas. O codependente tem a necessidade de aprovação das pessoas, porque interiormente ele tem o sentimento de inferioridade de si mesmo e assim carece do amor do outro.

Os codependentes vivem totalmente em função do DSPA, tornando-se algo tão obsessivo que o outro é a razão de sua vida, “sentindo-se úteis e com objetivos apenas quando estão diante do dependente e de seus problemas”, pois precisam mostrar que são úteis e, ao mesmo tempo, o quanto são vítimas.

Segundo Beattie<sup>42</sup>, os codependentes normalmente têm uma enorme dificuldade, e até medo, em deixar as coisas acontecerem naturalmente e de permitir que as pessoas sejam quem realmente são. Pois, já passaram por muitas situações fora de controle e isso causa a insegurança. A partir disso, eles buscam controlar os acontecimentos e manipular as pessoas “por meio da impotência, da culpa, da coerção, das ameaças, do aconselhamento, da manipulação ou do domínio”.<sup>43</sup>

---

<sup>41</sup> SANDA. Apud. KRÜGER, Rolf Roberto. *Comunidade Terapêutica: como acolher egressos de instituições de recuperação de dependentes químicos? Um exemplo da IECLB em Florianópolis*. 2005. 161 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Teologia) – IEPG, São Leopoldo, 2005. p. 48.

<sup>42</sup> BEATTIE, Melody. *Codependência nunca mais: pare de controlar os outros e cuide de você mesmo*. 8. ed. Rio de Janeiro: Record. 2004. p. 60.

<sup>43</sup> KRÜGER, Rolf Roberto. RABITZSCH, Anne Betina Stahlke. O fortalecimento da resiliência de codependentes por meio de intervenção familiar sistêmica. In: SCHWAMBACH, Claus (Ed.) *Revista Teológica Brasileira*. v. XX. n. I. São Bento do Sul: União Cristã, 2012. p. 12.

### 3 A ABSCONDICIDADE DE DEUS NA VIVÊNCIA DA CODEPENDÊNCIA INFANTIL

O fato de uma criança<sup>44</sup> viver em um ambiente alcoólico significa que a vida dela estará marcada, a menos que haja uma interrupção, pelos medos e imprevistos, pela vergonha, instabilidade e dúvida. O alcoolista tenta provar que nada está errado, que o problema da dependência não existe. Com isso, toda a família sofre. Sempre haverá muitos conflitos, apreensões, violência verbal e/ou física, descontrole, isolamento e culpa.<sup>45</sup>

Diante de toda a confusão e transtornos constantes, a criança ocupa uma posição de codependência. Em um ambiente alcoólico, ela sofre em sua dignidade como pessoa, em sua integridade e identidade, assim como é perturbada por sentimentos de injustiça e insegurança.<sup>46</sup>

Não há pais perfeitos, independente se forem ou não cristãos. O ponto crucial é que, os filhos<sup>47</sup> de pais dependentes, e codependentes, recebem uma criação com diferenciação de valores, os quais são contraditórios. O álcool agrava de tal modo a situação, que há uma perda de controle e negação da realidade.<sup>48</sup> Os filhos de pais alcoolistas sentem, veem e provam a realidade, pois quando uma mãe decide conversar com o filho sobre o alcoolismo do pai, por exemplo, normalmente é surpreendida pela fala: “Eu já sabia, mamãe!”<sup>49</sup> As crianças são sensíveis em perceberem problemas e situações tensas, por mais que elas

---

<sup>44</sup> Quanto a palavra “criança”, neste artigo, poderá se referir a “criança” e/ou “pré-adolescente” e/ou “adolescente”.

<sup>45</sup> GÉLINEAU, Paulette Chayer; MOREAU, Fabienne. *Como curar-se das consequências de pais alcoólatras*. São Paulo: Paulinas, 2002. p. 18.

<sup>46</sup> GÉLINEAU; MOREAU, 2002, p. 18-19.

<sup>47</sup> Quanto a palavra “filho”, esta não significará neste artigo o masculino da palavra, mas incluirá ambos os gêneros.

<sup>48</sup> GÉLINEAU; MOREAU, 2002, p. 20.

<sup>49</sup> Ibid. p. 28.

inicialmente não saibam a enorme problemática que está envolta. Apesar da certeza de que algo está errado, os pais dificilmente são sinceros, procurando negar a situação e mentir para a criança. Ela é constantemente barrada pela contradição de ver e saber algo, mas precisar fechar os olhos e fingir que não sabe de nada. No decorrer do tempo, ela acaba acreditando que não tem razão e que os pais sabem o que fazem, assim ela é ensinada a não acreditar nos próprios juízos e reage com insegurança, que é implantada dentro dela pelos próprios pais.<sup>50</sup> Esta reação de insegurança que a criança apresenta, inconscientemente, torna-se pressuposto para todas suas ações, pois quanto mais houver convivência com os pais, mais ela internalizará que tudo o que procede dela não está correto. Esta é a nascente do complexo de inferioridade e necessidade de palavras de afirmação.

Uma outra forma de reação ao alcoolismo é a lei do silêncio, onde tudo é feito de uma forma para que as pessoas de fora do grupo familiar não percebam o que está havendo. Por esse motivo, todos os conflitos e brigas são resolvidos dentro da própria família. Fecha-se a porta para outros, pois os pais transmitem aos filhos mensagens, verbais ou não, que podem ser transliteradas por: “Não diga nada”.<sup>51</sup> Em frente a isso, os filhos ajudam a carregar o fardo e viver em um medo constante. Embora, em muitos casos, os filhos carregam os fardos sozinhos. Normalmente quando o pai é alcoolista, a mãe é codependente e se preocupa somente com o marido. A criança encontra-se perdida, angustiada e sem ninguém para desabafar, pois é imposta a ela a lei do silêncio, que é alimentada pela vergonha, isolamento e medo.

Este é o depoimento de Estefânia:

Minha família gritava comigo para eu parar de rir, porque aquilo incomodava meu pai e diziam que não era à toa que ele bebia

---

<sup>50</sup> GÉLINEAU; MOREAU, 2002, p. 28.

<sup>51</sup> GÉLINEAU; MOREAU, 2002, p. 35.

[...]. Mandavam-me parar de chorar, porque era idiotice ter medo [...]. Mandavam-me parar de perguntar se meu pai tinha bebido, porque não era culpa dele se ele bebia de vez em quando... Gritavam para eu parar de correr, porque aquilo irritava todo o mundo [...] para eu parar de atormentar e de parecer uma louca, de ser diferente do resto da família.<sup>52</sup>

Em meio a tantas brigas, angústias e medos, em algum momento na sua infância a criança se perguntará por Deus, mesmo que no primeiro instante seja algo remoto. A pergunta “onde está Deus?” que Mariana<sup>53</sup> fez para si mesma, quando estava passando por sofrimento dentro de sua família, cujo pai era alcoolista:

[...] nossa vida na família era bem tumultuada, eram várias discussões e brigas o que fazia com que nos afastássemos sempre. Muito poucas eram as vezes que tínhamos um momento em que ficávamos juntos como nas refeições, toda vez que ficávamos juntos brigávamos geralmente tudo começava por parte do meu pai que ficava sempre provocando principalmente minha irmã e no final todos estávamos de mau um com o outro. [...] eu era muito afastada de Deus. [...] Me perguntava várias vezes ‘Deus onde você está agora? Por que não me ajuda?’.

O contexto no qual Mariana vivia, com uma provável lei do silêncio, o fato de não ter como expressar o que estava sentido e pensando, ela levava a Deus, porém a impressão e o sentimento que havia era que também Deus não estaria ouvindo-a, assim como sua família. Havia o pressuposto de que assim como sua família não mostrava se importar com seus sentimentos e anseios, logo Deus também não se importaria. Assim, Mariana se depara com o Deus escondido, pois cada vez que ela pede a ele mudança na sua família, e principalmente no alcoolismo do pai, Deus não concede tal oração. A criança não entende o porquê Deus não responde (de forma visível) o que ela anseia e pede muitas vezes com choro, gemidos e dor.

<sup>52</sup> GÉLINEAU; MOREAU, 2002, p. 36.

<sup>53</sup> Trata-se de um depoimento, uma adolescente de 13 anos, que para esta pesquisa será referida pelo pseudônimo “Mariana”.

Conforme ela cresce, a responsabilidade aumenta de forma sobrecarregada, bem mais intensiva que as demais crianças. Como já foi citado, em um ambiente alcoólico a vida gira em torno da pessoa alcoolista, monopolizando tempo e energia. O dia a dia é tão intenso e estressante, que os pais ficam em função somente de si mesmos, deixando as crianças sozinhas para cuidarem de si mesmas. Normalmente, os pais alcoolistas se ausentam com frequência, mesmo estando em casa. No caso de cônjuge não alcoolista, este também se encontra ausente, por se (pre)ocupar de forma extrema com o alcoolista. Esta ausência faz com que o filho seja obrigado a substituir os pais<sup>54</sup>. O filho entra em um extremo ativismo, precisando dar conta de muitas responsabilidades que, para ele, são extremamente pesadas. A criança é colocada a exercer um papel que não é dela, tendo responsabilidades que também não são condizentes para ela, mas ainda assim os pais a exigem uma responsabilidade acima da que ela já está tendo – nisso nasce o perfeccionismo.

O filho percebe que quanto mais ele faz, mais ele é reconhecido, embora poucas vezes. Então a busca de superação e perfeição é muito grande. Deste modo, o *fazer* passa a ter o mesmo significado de *ser*. O *fazer* passa a ser exigido ao máximo e na visão do filho essa é a necessidade para obter dignidade, caso contrário, ele não é aceito.

Este aspecto de exigência e cobrança, o filho leva para todos os âmbitos de sua vida. Na relação com Deus acontece o mesmo, como foi o pensamento de Mariana: “Eu ia na igreja, eu rezava, pedia, agradecia, mas Deus para mim era um ser distante que poucas vezes me ouvia”. Como não foi concedido tal oração, então, para ela, Deus não a ouviu. Ou seja, a exigência que os pais cobram da criança, faz com que ela, por influência dos pais, reaja da mesma forma, cobrando de si mesma, de outros e em última análise, do próprio Deus.

---

<sup>54</sup> GÉLINEAU; MOREAU, 2002, p. 56.

Em famílias alcoolistas, existe uma imprevisibilidade muito grande e constante. Nunca se sabe o que e nem quando surgirá, porém, há sempre a insegurança e espera-se pelo pior. “Seja qual for o acontecimento, bom ou mau, instala-se um sentimento de angústia, porque mesmo nos períodos felizes existe o perigo da desgraça”.<sup>55</sup> Conforme Gélineau e Moreau, psicoterapeutas, vários depoimentos confirmam essa realidade. Um dos casos é de Maurício: “As catástrofes faziam parte do cotidiano da minha família. Os pequenos conflitos não existem nem os pequenos problemas. Tudo era grande, tudo era catastrófico [...].<sup>56</sup>” Justamente pela imprevisibilidade e extremismos, o filho acaba desenvolvendo um sentimento de urgência, denominado como *estado de urgência*, que causa tormento e dramatização<sup>57</sup>. Em uma das sessões feitas pelas psicoterapêuticas, houve a seguinte fala:

Quando eu era criança, sentava-me no corredor da escola e recusava-me a sair dali para tomar o ônibus. Durante todo o percurso eu ficava imaginando o que encontraria em casa, e me preparava para o pior [...].<sup>58</sup>

É possível observar que a criança, quando se encontra no meio do caos, que é a família alcoolista, ela perde as certezas, os paradigmas não são formados de modo uniforme e condizente. Todo esse sentimento passa também para o relacionamento com Deus. A criança que busca em Deus uma rocha na qual possa se firmar, é porque ela não sabe mais por onde e nem para onde deve caminhar. Quando Deus parece não se importar, pois não atende o que se pede, pensa-se então que ele se encontra ausente. Afinal, o que a criança mais sente é a raiva de tudo o que está acontecendo e nisso várias perguntas surgem, como a pergunta da Mariana: “onde você

---

<sup>55</sup> GÉLINEAU; MOREAU, 2002, p. 65.

<sup>56</sup> GÉLINEAU; MOREAU, 2002, p. 65.

<sup>57</sup> GÉLINEAU; MOREAU, 2002, p. 66.

<sup>58</sup> GÉLINEAU; MOREAU, 2002, p. 65-66.

está Deus?”, “por que tu não estás aqui quando preciso?”, “por que tu não curas meu pai?”, “por que tu me deixas sofrer?”.<sup>59</sup> Nestas situações, a criança não consegue olhar para o alto, ela apenas olha para a janela de casa esperando o pai que voltará alcoolizado, mesmo não sabendo a hora. Ela somente consegue ver o labirintado de dentro e somente quem está no labirinto, já os de fora ela não consegue ver, inclusive o próprio Deus.

Não somente diante desta situação, de filhos codependentes de pais dependentes, que a abscondicidade de Deus está presente. Porém, sua abscondicidade não é sinônimo de ausência. Pois somente enquanto está no meio do conflito, do caos, é que não é possível perceber a ação de Deus. A criança em meio as brigas, insegurança, tristeza e raiva, não conseguirá ver a Deus. Embora Deus sempre esteja presente, é difícil o ver em momentos de aflição. Entretanto, ao passar a tempestade é possível o ver e perceber que sempre, inclusive nos piores momentos, ele está presente.

Deus que mantém e sustenta, que dá coragem e forças para continuar, é o mesmo Deus abscondito, que parece estar ausente, mas que, ao mesmo tempo, está agindo de forma obscura e este agir sustenta. Esse é o paradoxo, o Deus que dá uma nova chance de vida eterna para o ser humano, é o mesmo Deus que deixa o seu Filho morrer crucificado.

Neste sentido, a pastoral tem muito a contribuir para os filhos codependentes, pois ela tem a capacidade de olhar para o problema do alcoolismo estando fora do grupo familiar alcoólico disfuncional. Entretanto, não somente neste aspecto a pastoral tem a oportunidade diaconal, mas também em levar a realidade da cruz para dentro da realidade familiar alcoólica. A base que a pastoral tem, é o próprio Cristo, o Deus revelado na cruz. O Deus abscondito, o que parece não ouvir e nem se

---

<sup>58</sup> Frases de um filho codependente, que foram citadas em um aconselhamento pastoral.

importar, não permanece totalmente na sua abscondicidade, mas ele se revela da forma mais miserável possível. Deste modo, ele assume a miséria humana, levando a morte e o pecado consigo. Por esse motivo, ele é o Deus presente.

Portanto, o sofrimento, a dor, a angústia, o choro, e até os gemidos inexprimíveis ele não apenas ouve, mas sabe do sentimento, pois ele entregou o próprio Filho para morrer na cruz do calvário. Esta é a consequência do pecado humano e isso o próprio Cristo levou consigo. Confortante é saber que a sua morte na cruz não é o fim. Ele ressuscitou, e voltará para buscar o ser humano. A razão de viver nos momentos de sofrimento, é a realidade do sofrimento de Cristo e que, em última análise, foi para que houvesse vida eterna, sem mácula, sem dor, sem sofrimento, sem pecado. Esta é a esperança escatológica, que por causa de Cristo, em fé, todos podem ter, inclusive a criança que em Cristo, não será mais codependente, mas sim dependente do próprio Deus. Esta é a liberdade cristã que ele dá para os seus filhos de forma gratuita, por misericórdia e amor incondicional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Todas as crianças precisam de uma estrutura base que deve ser dada pela família. Porém quando a criança codependente olha para sua família, ela não encontra esse aporte. Quando isso não acontece, há um sentimento de angústia, fica sem saber para onde ir e seu próximo passo é tentar olhar para fora, para Deus, e nele achar conforto, coragem e descanso. Porém em meio ao sofrimento e confusão que a própria família produz, ela não encontra Deus. Há sempre o pedido para que ele mude a realidade, sempre o clamor para que ele ouça as orações e se faça presente no alcoolismo dos pais.

O que não fica claro para a criança, mas que a pastoral pode e deve ajudar, é que Deus está presente. O próprio Cristo sabe o que é sofrer, o que é sentir angústia e desânimo, e somente ele, pode confortar nestes momentos. A criança precisa saber que ela não está sozinha, que Deus se preocupa com ela e a ama incondicionalmente. A prova disso é o próprio Cristo na cruz, que lutou contra o pecado e a morte. Sendo assim, todos os sofrimentos já foram vencidos na cruz, embora ainda seja necessário passar por eles. Deus, em Cristo Jesus, quer deixar claro que há saída, que o sofrimento, o pecado e a morte ainda não é o fim, pois o próprio Cristo morreu na cruz e ressuscitou. Ele ressuscitou e voltará para levar seus filhos com ele para a eternidade, ao lado do Pai.

Portanto, Deus pode ser um Deus abscondido sim, porém ele não se limita na sua abscondicidade. Ele se revela ao ser humano, para que assim possa ser visto nele um exemplo e motivação para continuar nas lutas diárias, que são consequências do pecado. Ele chama o ser humano para perto dele e o busca. Mesmo ele não percebendo, Deus o conforta e o dá forças, para enfrentar e aguentar tamanhos desafios impostos. Este é o Deus que permite o sofrimento, porém ele sofre junto e o motiva a olhar para a cruz e alegrar-se com ela.

## REFERÊNCIAS

- BEATTIE, Melody. *Codependência nunca mais*: pare de controlar os outros e cuide de você mesmo. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- BRAATEN, 1990, p. 209-212; HAARBECK, Theodor. *Está escrito*: dogmática bíblica. Schweizerische: União Cristã, 1987.
- CAIRNS, Earle E. *O cristianismo através dos Séculos*: uma história da igreja cristã. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CUNHA, Antônio Geraldo. *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.
- DEPENDÊNCIA QUÍMICA. Disponível em: <<http://www.clinicamaia.com.br/o-que-e-dependencia-quimica.php>>. Acesso em: 28 mai. 2014.
- FORWARD, Susan; BUCK, Graig. *Pais tóxicos*: como superar a interferência sufocante e recuperar a liberdade de viver. Rio de Janeiro: Racco, 1990.
- GÉLINEAU, Paulette Chayer; MOREAU, Fabienne. *Como curar-se das consequências de pais alcoólatras*. São Paulo: Paulinas, 2002.
- KRÜGER, Rolf Roberto. RABITZSCH, Anne Betina Stahlke. O fortalecimento da resiliência de codependentes por meio de intervenção familiar sistêmica. In: SCHWAMBACH, Claus (Ed.) *Revista Teológica Brasileira*. v. XX. n. I. São Bento do Sul: União Cristã, 2012.
- LUTERO, Martinho. Da vontade cativa. In: *Obras selecionadas*: Debates e Controvérsias, II. v. 4. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1933.
- MACIEL, Camila. *Alcoolismo atinge cerca de 5,8 milhões de pessoas no país*. 2013. Disponível em: <<http://memoria.ebc.com.br/agenciabrasil/noticia/2013-03-18/alcoolismo-atinge-cerca-de-58-milhoes-de-pessoas-no-pais>>. Acesso em: 27 mai. 2014.
- MARQUES, Ana Cecília Petta Roselli; RIBEIRO, Marcelo (Orgs.). *Guia prático sobre uso, abuso e dependência de substâncias psicotrópicas para educadores e profissionais da saúde*. prefeitura da cidade de São Paulo. São Paulo: Secretaria de Participação e Parceria, 2006.
- PAULA, Blanches de. *Escuta libertadora*: temas emergentes para o aconselhamento pastoral. Belo Horizonte: Filhos da Graça/Siano, 2013.
- PEREIRA, Pablo. *Consumo de drogas legais e ilegais mata 8 mil pessoas por ano no país*. 2012. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/vidae,consumo-de-drogas-legais-e-ilegais-mata-8-mil-pessoas-por-ano-no-pais,831451,0.htm>>. Acesso em: 27 mai. 2014.
- RENGEL, Débora Giese. *A relação entre abscondicidade de Deus e sofrimento humano*: impulsos a partir do De servo arbítrio. 2013. 49 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Teologia) – Faculdade Luterana de Teologia, São Bento do Sul, 2013.

SAMPAIO, Rafael. *Consumo de álcool entre os brasileiros se torna mais frequente diz estudo*. 2013. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bemestar/noticia/2013/04/consumo-de-alcool-entre-brasileiros-se-torna-mais-frequente-diz-estudo.html>>. Acesso em: 27 mai. 2014.

SANDA. Apud. KRÜGER, Rolf Roberto. *Comunidade terapêutica: como acolher egressos de instituições de recuperação de dependentes químicos? Um exemplo da IECLB em Florianópolis*. 2005. 161 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Teologia) – IEPG, São Leopoldo, 2005.

SPA. 2014. Disponível em: <[http://www.soperj.org.br/novo/publicacao\\_detalhes.asp?s=Publica%E7%F5es%20dos%20Comit%EAs&id=165](http://www.soperj.org.br/novo/publicacao_detalhes.asp?s=Publica%E7%F5es%20dos%20Comit%EAs&id=165)>. Acesso em: 27 mai. 2014.

SPONHEIM, Paul. O conhecimento de Deus. In: Braaten, Carl. *Dogmática cristã*. v. 1. São

Leopoldo: Sinodal, 1990.

ZANELATTO, Neide; LARANJEIRA, Ronaldo. *O tratamento da dependência química e as terapias cognitivo-comportamentais: um guia para terapeutas*. Porto Alegre: Artmed, 2013.